



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 13 - junho 2017
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)

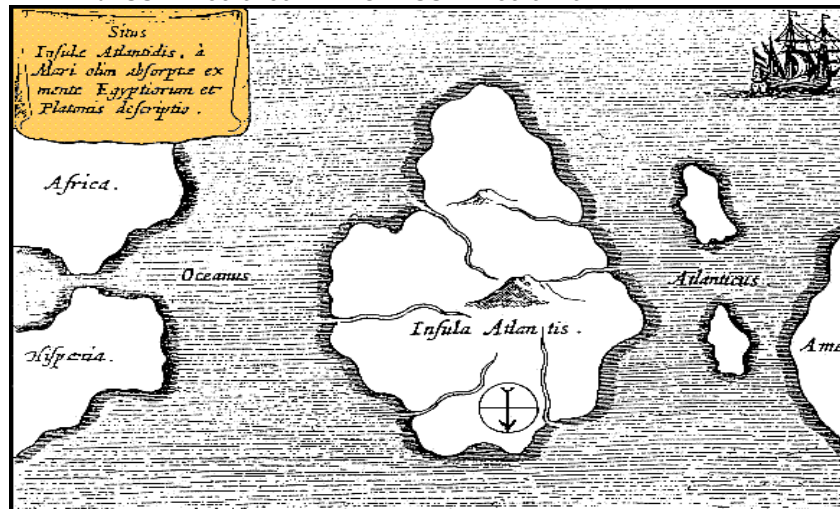


© TM ®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 13 é dedicado a ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

TEMA 1. ABÍLIO, FERNANDO, GIBICAS E ADRIANO: A AÇORIANIDADE NO ENTRE
CÁ E LÁ...

Desde sempre que a infância se tem vindo a firmar como tema privilegiado de artistas, escritores e poetas, que tanto a evocam como “âge d’or” irreversível como irrevogavelmente deploram o seu pendor traumático. Paraíso ou Purgatório perdidos, mas invocados pela pena do adulto que se deleita na sua revisitação, eufórica e disfórica, não raro surge a meninice como etapa inicial e iniciática da aprendizagem de vida, mercê da relação (e inversão ou subversão...), mais ou menos conflituosa, entre o mestre e o discípulo, coadjuvada pela figura do cúmplice. Assim é que o nemesiano Abílio se vê forçado a rumar ao Brasil por ser “cabeça de boga” ou, mais bem-dito, por obter no exame a menção de suficiente, que tanto desilude seu pai e afasta Lucinda, sua namorada, como consolida a amizade por Matesinho, aprovado com distinção.

Por sua vez, Fernando (“A leitura da Bíblia” de Cristóvão de Aguiar), ao questionar as inquestionáveis verdades bíblicas lidas ao serão ‘clandestino’, torna-se vítima quer da ameaça de excomunhão por parte do Sr. Padre, quer dos “picanços aguçados” de uma cana-da-índia com que o progenitor recompensa o seu espírito crítico, tido por heresia, arrependendo-se, entretantes, do castigo infligido e anelando embarcar para a América, paradigma de liberdade.

Uma visão diferente do Novo Mundo tem Gibicas, herói da novela epónimo de Vasco Pereira da Costa, que, professor de ‘Vitalogia’, verbera os Americanos da Base por defraudarem as expetativas remuneratórias do *pater familias* (despedindo-o quando desnecessário...) e refuta o coro dos “Thank you”, hino à prepotência orquestrado por Mestre Honório.

Nos antípodas de Gibicas vem Adriano (Onésimo Teotónio Almeida), variavelmente focalizado, renegar as suas origens terceirenses, patentear o seu ódio pelos micalenses, jactando-se com as suas “bísinas”, ultrapassando a sua condição humilhante de emigrado e triunfando, mercê do seu pragmatismo, como aculturado ‘I(USA)landês’. No *entre cá e lá*, vai-se esboçando, numa perspectiva diacrónica, o conceito-imagem de açorianidade, filtrado pela convergência e divergência de olhares, submissos e irreverentes, de homens de palmo e meio, ‘vencidos da vida’ ou dela vitoriosos.

1 Ver, a este respeito, Lukács Georg (1968 : 84): “Le roman est l’épopée d’un monde sans dieux; la psychologie du héros romanesque est démoniaque, l’objectivité du roman, la virile et mûre constatation que jamais le sens ne saurait pénétrer de part en part la réalité et que pourtant, sans lui, celle-ci succomberait au néant et à l’inessentialité.”

2 Ver, sobre este assunto, Bakhtine, Mikhaïl (1979: 229): “L’évolution de l’homme y est indissociable de l’évolution historique. La formation de l’homme se fait dans le *temps historique* réel, nécessaire, avec son

Nucibus relictis (quando deixamos de jogar às nozes)
Um *home* é um *home* (Cristóvão de Aguiar, 2003: 95)

Antes de procedermos à apresentação quadripartida dos nossos convidados de honra ficcionais - Abílio, Fernando, Gibicas e Adriano -, dispensando a apresentação dos seus quatro criadores - Vitorino Nemésio, Cristóvão de Aguiar, Vasco Pereira da Costa e Onésimo Teotónio Almeida -, ‘brinquemos’ aos conceitos, jogando menos com o ‘Demónio da teoria’ do que com uma teoria ‘salvífica’ desaguando numa crítica sinónima de

“*discours sur les oeuvres littéraires qui met l’accent sur l’expérience de la lecture.*”
(*Compagnon*, 1998: 20).

Tal introito teórico afigura-se tão mais necessário quanto problemáticos se revelam a noção de “Bildung”, os seus tentames de tradução a partir da língua alemã, bem como a sua irradiação em subgéneros narrativos afins - embora estes não sejam entidades estáticas, à imagem do sistema literário caracterizado pela tensão entre homeostase e homeorrese (Ribeiro, 1998: 17) -, de entre os quais ressalta o “Bildungsroman”.

É neste contexto específico que as opiniões avalizadas de certos críticos precursores do domínio teórico em apreço não deixam de diferir: se, para Lukács, na sua *Teoria do Romance*, o “Bildungsroman”, avatar degradado de um género que aparece como reflexo nostálgico de um paraíso perdido¹, surge sob a égide da decadência, destacando-se pela sua posição intermediária entre o abstrato idealismo quixotesco e o flaubertiano romantismo da desilusão (patente em *L’Éducation Sentimentale*), para Bakhtine a mesma categoria histórica é fruto de um lento processo de maturação, resultado de um progresso inequívoco².

Por seu turno, Robert Grandroute, partindo de certas afinidades nucleares, estabelece uma divergência crucial entre romance de formação e romance pedagógico: enquanto o romance pedagógico é um romance de formação no qual a pedagogia predetermina o itinerário formativo, é o decurso da formação, no romance homónimo, que põe a nu a pedagogia, ambos apelando para o esforço, para o empenho e para a experiência pessoais (1985: 4). Quanto a François Jost, ele debruça-se, de modo rigoroso, sobre as relações entre romance de formação, romance de desenvolvimento, romance de educação e autobiografia.

Por um lado, o romance de desenvolvimento é mais genérico do que o “Bildungsroman” (vulgarmente traduzido por romance de aprendizagem³ e / ou por romance de formação), tendo em conta que raras são as obras passíveis de não contemplação da curva evolutiva do protagonista patente na sucessividade de episódios de vida que se encadeiam por elos mais ou menos lógicos; por outro, o romance de

futur, avec sa profonde chronotopicité.” Aliás, para este crítico, “Il s’agit, avant tout, d’isoler le principe déterminant de la formation de l’homme.” (1979: 226).

3 Segundo Locatelli, Aude (1998: 30), “La notion d’apprentissage, qui renvoie au sens propre à l’état d’apprenti, à l’action d’apprendre un métier en général manuel, même si elle peut englober par extension tout acte d’apprendre, nous paraît moins apte à rendre compte de la ‘formation musicale’ des protagonistes de nos romans, [...]”.

educação manifesta o seu caráter mais restrito ou redutor, atendendo à prescrição de uma formação dirigida, a cargo de um mestre responsável por um programa de estudo(s).

Constituindo, em geral, uma espécie de autobiografia mal simulada ou dissimulada, ao longo da qual os escritores dissecam a assunção de certas atitudes perante a vida, as personagens se movem num universo de realidades que intentam dominar e o *explicit* prima pela ausência da morte (Jost, 1969: 99-100), o “Bildungsroman” não tem como escopo, ao invés da autobiografia, a revisitação totalizante da trajetória humana⁴, limitando-se, como protonarrativa, ao seu exórdio ou prelúdio:

“[...] la historia de una educación, de un irse haciendo un hombre, de las experiencias, sacrificios, aventuras, por las que viaja hacia la búsqueda, la conquista de su madurez.” (Goyanes, 2001: 35).

Assim sendo, e numa curiosa teia urdida de empréstimos, o romance de formação vai buscar ao romance biográfico a sua estrutura temporal (linear, na maioria dos casos), ultrapassa a narrativa de viagens, onde o protagonista se desloca como um peão e persiste na ignorância do devir (Locatelli, 1998: 36), e posta-se diante do romance de aventuras, que nem privilegia a interação homem-mundo nem fomenta a cristalização caraterológica, optando apenas por inculcar ao seu herói aventureiro marcas de envelhecimento e por introduzi-lo, de certo modo, na antecâmara da morte.

Do mesmo modo, o romance de formação diverge do romance de cavalaria, que põe em cena um herói estático cuja personalidade impossibilita modificações de relevo, bem como do romance picaresco, que tanto prescinde de continuidade no processo de educação como enfatiza o papel do acaso no percurso vivencial. Importa, porém, realçar que o determinismo inerente ao nascimento, de baixa origem, do pícaro não inviabiliza a sua conversão tendente a uma rutura com a malfetoria condenável.

Ainda nesta sequência, o “Bildungsroman” afasta-se do romance de renascimento (“novel of rebirth”) pela faixa etária do seu protagonista masculino (Pinto, 1990: 15-16), infantil ou préadolescente (e não mulher feita e ‘madura’) e pela busca da sua integração social (e não de integração espiritual), diferenciando-se do romance de iniciação pela ausência quer da função em geral sacralizada do cenário que acolhe o neófito, quer da

“esperienza cruciale di trasformazione radicale [...] Su questo punto potrebbe giocarsi la differenza fra Bildungsroman e romanzo d’iniziazione: romanzo di formazione il primo, di trasformazione il secondo; progresso graduale vs metamorfosi.” (Cabibbo e Goldoni, 1983: 41).

4 Ver, a este respeito, Miraux, Jean Philippe (1996: 54): “Tournée vers l’intérieur du roman, elle [l’autobiographie] tente de retracer le parcours qui a motivé l’éclosion d’une personnalité et le cheminement d’une vie. Mais tournée vers l’extérieur, elle cherche aussi à se réappropriar un monde perdu pour comprendre le monde présent.” Ver, também, p. 63: “[...] l’on peut admettre que l’autobiographe parcourt le chemin qui va de la naissance au moment de l’énonciation, mais plus profondément, son cheminement est celui qui le mène de la décision d’écrire à l’écriture. Alors, cet étrange lieu où le temps devient achronique permet à l’oublieuse mémoire de se manifester.”

5 “Tomadas numa perspectiva de macrotexto, as sete narrativas de Mateus Queimado constituem uma espécie de *novela de aprendizagem*, [...]” (Bettencourt, 2002: 26). Ver, também, a nota 19 da mesma página:

Nesta ordem de ideias, uma história de aprendizagem pode definir-se sintagmática e paradigmaticamente: a nível sintagmático, sobressaem as duas transformações paralelas que afetam o protagonista e desembocam na transição da autoignorância para o conhecimento de si e na passagem da passividade para a ação; numa perspetiva paradigmática, sublinhe-se a aglutinação das categorias actanciais sujeito, objeto e destinatário num só ator, o qual percorre o mundo (sujeito) para fazer jus à divisa do templo de Delfos (“Conhece-te a ti próprio”) - objeto -, tornando-se o único beneficiário do conhecimento autoadquirido.

Decisiva, em termos definitórios, não deixa de ser a existência de dois espaços ideológicos distintos, porventura equivalentes aos do mestre e discípulo (ou ‘contramestre’ e antidiscípulo), contrariamente valorizados por um narrador, voz da autoridade, que encarna o supersistema ideológico:

“[...] nous acceptons comme vrai non seulement ce que le narrateur nous dit des actions et des circonstances de l’univers diégétique, mais aussi tout ce qu’il énonce comme jugement ou comme interprétation. Le narrateur devient ainsi non seulement source de l’histoire mais aussi interprète ultime du sens de celle-ci.” (Suleiman, 1979: 28).

Esta instância narrativa cede, por vezes, a voz a um narrador na primeira pessoa, interposto (segundo José Martins Garcia) ou intraficcional (na ótica de Paulo Meneses), como é o caso de Mateus Queimado, alterónimo de Vitorino Nemésio, que assina sete narrativas de *O Paço do Milhafre*, de entre as quais avulta “Cabeça de Boga”⁵.

Nesta última perpassam, bem ao gosto de Nemésio, sucessivas imagens nucleares e antinomias, explícitas ou implícitas, quer de teor geográfico - Ilha *versus* não Ilha / mar⁶ *versus* terra -, quer de ordem sociológica, configurando o universo dos comerciantes e dos pescadores terceirenses⁷, o primeiro emblematizado por Abílio e Matesinho, representado o segundo pelo Francisco da Segunda e pelo Tiazé:

“Os desafios eram principalmente para os que tinham pai pescador, acostumados ao falatório nas vendas até que horas!, às pragas do puxar da rede, às juras terríveis das mães tratando-se de curtas e compridas nos lavadouros públicos, [...] Nós, ‘os da terra’, brincávamos a outras coisas. Os nossos pais tinham escritórios ou lojas; as nossas mães tinham salas com consolas, avencas e begónias. Era outra loiça...” (Nemésio, 2002: 254).

“Sintomaticamente uma das alterações registadas em ‘A Burra do Lexandrino’ (*Quatro Prisões debaixo de Armas*) consiste na substituição de ‘Influências Recebidas’ por ‘Anos de Aprendizagem’.”

6 “A ligação substancial poeta-ilha, poeta-mar, é perceptível nos mínimos detalhes. [...] O mar, para o poeta, é o mar da sua ilha, é o mar da sua geografia.” (Sá, 1988:182).

7 “Através das páginas nemesianas de fundo açoriano [...] perpassam com frequência representantes das camadas mais populares, quer citadinas quer rurais: pequenos e médios agricultores ou lavradores, pastores, jornaleiros e criados, pescadores, operários, [...] pequenos comerciantes, [...]” (Silva, 1985: 243).

Ao desafogo pecuniário dos segundos, traduzido por uma ou outra referência ancilar⁸, opõe-se a penúria física e cívica dos primeiros, visível até na falta de higiene, pormenor realista ao serviço da estratificação social:

“Cheiravam a peixe e, quando o ranho era muito, limpavam-no à manga do casaco e engoliam o resto, fungando.” (Nemésio, 2002: 253).

Por sua vez, Abílio é sempre qualificado por uma adjetivação binária - “pacato e pesado”, “bonacho e gordo”, “sombrio e bom” (Nemésio, 2002: 253-254) -, presidindo este mesmo binarismo ao ‘duo’ Abílio-Matesinho: “como a unha e a carne” e / ou “o cego e a sanfona” (Nemésio, 2002: 254).

Se a aprendizagem exemplar positiva e a aprendizagem exemplar negativa constituem duas variantes do mesmo processo formativo, definindo-se uma pela preeminência do destinador e do adjuvante e a outra pela inautenticidade do objeto e pelo peso do oponente, bem como pela ineficácia do “destinateur bénéfique” (Suleiman, 1979: 35), Abílio, ao passar com suficiente no exame do segundo grau, ao ser alcunhado, pela sua insuficiência, de “Cabeça de Boga” pelo Professor e forçado pelo Pai a zarpar para o Brasil⁹, parece ilustrar a segunda vertente, enquanto Matesinho, por obter a distinção, ilustra a primeira.

Pode, todavia, o narrador-protagonista atribuir um valor positivo ao que a coletividade reputa de negativo ou, mais bem-dito, preterir o sistema ideológico vigente - o mérito escolar - em proveito de um outro, mais abrangente, que é a ‘Escola da Vida’ representada pela Arte¹⁰.

De supetão, e no seguimento de maturação de Abílio¹¹, processo de amadurecimento que Matesinho não patenteia, assiste-se, no decurso do tempo –

“Estávamos a ficar espigados.” / “Nesse ano crescemos por muitos em que só tínhamos brincado e jogado à taponá.” (Nemésio, 2002: 255 e 258) -, à inversão de valores antes encarados como definitivos. O ‘cego’ Abílio, que obedecia cegamente a Mateus, torna-se a sanfona que Mateus era e deixou de ser,volvendo-se a “nódoa na pauta” (na terminologia do Professor) em ‘pauta da vida’:

“A mim [Matesinho] parecia-me, porém, que uma coisa qualquer estava a tornar agora o nosso Abílio distinto, a mim suficiente.

[...]”

(Nemésio, 2002: 258).

8 “Mas estes dois [o Francisco da Segunda e o Tiázé] não iam jantar nem passar tardes connosco, de bibes embrulhados ou pela mão de um criado, como o Chinchinho.” (Nemésio, 2002: 253). De referir, igualmente, a criada da família de Matesinho, a Malagrida, que “se punha a bufar nas brasas ao dar trindades da noite. Minha mãe – fora.” (Nemésio, 2002: 255).

9 “Vitorino Nemésio, professor na Bahia e no Ceará, professor de literatura brasileira na Faculdade de Letras na Universidade de Lisboa, onde criou e dirigiu o Instituto de Estudos Brasileiros, autor de poemas brasileiros, de ensaios e crónicas ligadas às suas viagens no Brasil e ao aprofundamento da experiência social, histórica e institucional brasileira, é um exemplo notável da luso-brasilidade. Esta sua consciência tem duas fases: a

Avatar de Abílio não deixa de ser Gibicas, protagonista da novela epónima de Vasco Pereira da Costa, que, irreverentemente, resiste às seduções falaciosas emanadas da Base Americana, à subserviência linguística que o Professor Honório infunde à turma e ao óbolo algo vexatório das caixinhas vermelhas, azuis e brancas ofertadas por uma “farda grande, gorda e castanha” (note-se a reificação das personagens e a animização dos objetos / trajos).

À semelhança de Abílio e Matesinho, Gibicas e o narrador formam um par quase indissociável: se Abílio se engana no nome do rei que havia mandado plantar o pinhal de Leiria - para ele fora D. Afonso Quarto, o Bravo (Nemésio, 2002: 256) -, Gibicas surge como o “companheiro de mais sabedura”, apesar de

“não saber as estações do caminho-de-ferro da linha da Beira Alta, de não conseguir reduzir metros a quilómetros, de soletrar mal e porcamente duas sílabas, de nunca ter decorado as preposições, de não conhecer os afluentes da margem esquerda do Cávado” (Costa, 1978: 132).

Aprendera, todavia, o americano - aprendizado que renegava na escola ao bradar o dissonante “Fóqui, fóqui” no bem orquestrado coro dos “Tanquiú” (Costa, 1978: 131) - ao engraxar sapatos na Praça Velha e ao pedinchar na Rua da Sé, habituara-se ao expediente de sacar um escudo fazendo uns olhos tristes, ensinara o mistério da fecundação, a partir do bem escolhido exemplo-base dos coelhos, dos cães, dos porcos, dos burros e da Rosinha do Manel da Augusta, à rapaziada (englobando o Bebé, o Jèzinho dos Quatro-Ventos e o seu amigo íntimo) e, em troca das suas lições de Vitalogia, pedira tão-somente ao narrador uma explicação pontual:

“ - Agora tens de me ensinar como é que é essa coisa dos quebrados... Senão não te ensino nem mais pitada. Eu!? Eu daria tudo o que ele quisesse: os quebrados, os promontórios, a descoberta do caminho marítimo para a Índia, tudo.” (Costa, 1978: 135).

Esta relutância ou aversão do Gibicas pela autoridade, metonimizada pelas fardas (“os Américas”), pelas batas (os professores e o diretor escolar) e pelas sotainas (o Padre Abílio), encontra justificação cabal no desabafo do adolescente vazado pelo discurso indireto livre:

“Se aquilo era só por cinco meses, porque não disseram logo ao pai que, assim, não teria deixado o emprego na moagem; dava poucachinho, mas bastava para o pão... Agora, se o queria, tinha de o ir pedir, duro que nem calhau, de porta em porta...”

‘adivinhada’, antes de viver e lecionar no Brasil, e a ‘vívuda’, a partir dos anos 50.” (Gouveia, 2001: 36). Como *O Paço do Milhafre* foi editado em 1924, estamos, com toda a certeza, perante a fase ‘adivinhada’ do Brasil... 10 “En todo arte de narración o de representación la vida és fuente, bien para emularla o para suplantarla.” (Díez, 1999: 15).

11 Abílio tinha entrado, antes de rumar ao Brasil a fim de carregar café, para o armazém do Pai a medir petróleo e vinho, enquanto Matesinho andara no explicador para o primeiro ano do liceu (Nemésio, 2002: 257). A história termina quando Abílio conta treze anos de idade.

Agora, se queria conduto, tinha que ir com o caniço para riba do cais apanhar carapau ou sargos...” (Costa, 1978: 140).

Paralelamente a “Cabeça de Boga” opera-se em “Gibicas”, mercê de uma pedagogia inoperante e de uma educação fossilizada, uma alteração de valias, metamorfoseando-se negativamente o professorado - o insigne Professor Honório era conhecido pelos “calzinhos no botequim do Lourinho” (Costa, 1978: 133) - e ascendendo o antídipulo ao estatuto de Mestre:

“A minha escala de valores, porém, não correspondia à do Honório e, enquanto eu dava ao Gibicas a minha admiração e a minha amizade, o professor recompensava-o com bolos nas mãos

[...]

e com suplícios de estátua, nariz comendo sombra de parede durante horas a fio.

[...]

tive dois professores.

[...]

O outro era o que tinha vida para dar e ensinar. Esse, o Gibicas.” (Costa, 1978: 132-133).

O desfecho, longe de ser harmonioso, torna-se palco do antagonismo individualidade / mundo (descaramento de Gibicas que o palavrão “Sanabobichas” traduz¹²), atingindo o revoltado protagonista e, indiretamente, o narrador a autoconsciência da sua identidade e alteridade paulatinamente moldadas:

“Só mais tarde, Gibicas, só mais tarde. Menti-te porque a minha solidariedade nesse dia era puramente sentimental. Era a do discípulo medíocre que é incapaz de contradizer o mestre admirado. Tento remir-me hoje, escrevendo esta tua-nossa aventura.” (Costa, 1978: 140).

Ao passo que Gibicas e o narrador, Abílio e Matesinho permanecem distintos, mau grado a sua quase indissolubilidade, o mesmo não sucede com Fernando, protagonista de *Raiz Comovida* de Cristóvão de Aguiar, o “ai-jesus da casa” (Aguiar, 2003: 20), bisneto de Jacinta - irmã do Sr. Ernesto -, irmão mais velho de Anselmo, o “gorgulho da casa” (Aguiar, 2003: 15), sobrinho, pelo lado materno, de Ti Luciano, emigrado para a América, e de Titia Maria dos Anjos, casada com Ti José Pascoal - irmão de Luís -, neto de Vavó Luzia e de Vavô José dos Reis, irmão de Ti Guilherme, Ti Lexandrino e Ti Escolástica (residentes na Nova Inglaterra), e, pelo lado paterno, sobrinho de Ti Dinis (que leva para solo americano os restos mortais do seu progenitor) e de Titia Gilda, filhos de Vavó Arminda e de Vavô Samuel (pais de seu Pai).

12 “Até que foi a tua [de Gibicas] vez. Agarraste na caixinha vermelha, azul e branca, com as estrelinhas desse people para o nosso povo e, sem esperar o afago da farda grandalhona, correndo, gritaste-lhes alto, como ninguém ainda o fizera: - Sanabobichas!!!” (Costa, 1978: 141). Em nota de rodapé, lê-se a seguinte explicação: “filho de uma cadela”.

13 “Não queria [Ti Pacheco] perder a esperança de fumar, durante uma larga temporada, uns maços de cigarros *Lucky Strike*, tabaco louro e cheiroso como a América de todos os sonhos sonhados e por sonhar.” (Aguiar, 2003: 330).

Descurando, numa leitura gradualmente concêntrica, a cosmovisão sociológica do Autor veiculada pelo constante paralelismo entre a América - “terra [...] abençoada por Deus” (Aguiar, 2003: 32), “santa terra por todos desejada” (Aguiar, 2003: 115), “terra de fartura” (Aguiar, 2003: 236) detentora de “poderios de lindeza” [mónim, freijeira, baicicla, talafône, mechins e estoas] (Aguiar, 2003: 46), cujas casas de banho “parecem salas de visitas” (Aguiar, 2003: 49), cujas roupas rescendem à “fortidão do perfume” (Aguiar, 2003: 233) e cujo tabaco¹³ é alvo de cobiça - e a Ilha - “grande prisão” onde o bafo reina (Aguiar, 2003: 277 e 47) e onde “ou a gente entra na dança de soalheiro ou fica excomungado”, por “não vir um corisco que [a] abrasasse” (Aguiar, 2003: 185 e 259) -, que tangencialmente se parecem incorporar nessa “latinha de cocoa” bebida com o “chazinho da Gorreana” (Aguiar, 2003: 238); marginalizando, no espaço insulano, a subdivisão da sociedade, tal como na obra nemesiana, em campónios e pescadores (Aguiar, 2003: 127), relegando para plano secundário tanto a referência à Base, apelidada de “América pequenina” (Aguiar, 2003: 137), como a imagem dos Portugueses na América - “[...] os porigui são gente de mau fundo, tresandam a suor e a sardinha, a tua terra é um ailende muito atrasadinha, casas de chão terreiro, currais de porcos logo à banda de fora da porta do quintal” (Aguiar, 2003: 137) -, quedemo-nos na escola islenha, triplamente designada por prisão¹⁴, bipartida entre escola feminina e escola masculina, onde imperam respetivamente D. Irondina e o Professor Anacleto.

A partir do “quartinho do relógio onde nasceu” (Aguiar, 2003: 151) e por um processo rememorativo, anamnético, ditado pela força da palavra demiúrgica, em que as figuras do passado não são aleatoriamente convocadas para a narração, Fernando, narratário por excelência de “casos velhos e cediços de outro tempo” (Aguiar, 2003: 120), contados por Ti José Pascoal e por Vavô José dos Reis - em casa do qual se deleita a beber uma tigela de chá e a mastigar uns biscoitos “de esfregadura da farinha de milho que vavó cozia às sextas-feiras” (Aguiar, 2003: 25) -, surge, também, como narrador singular e como narrador coletivo, por inclusão no pronome substituto “nós”, cujo referente é a rapaziada: o Cidério, o Marrolia e o Raul pé-de-boi, “faz a cama que eu lá vou” (Aguiar, 2003: 222). Era, verdade seja dita, outro tempo esse, porquanto, ao invés da hipócrita D. Irondina, o Professor Anacleto, de alcunha “o Caniço”, “tirava uma hora ou assim para nos dar conselhos para a vida” e prelecionava a transplantação para o quotidiano do saber ministrado na escola (Aguiar, 2003: 292-293).

Bom conselheiro, também, não deixava de ser o Pai de Fernando, que herdara de Vavô Samuel o hábito de ler a Bíblia, não em inglês, mas em português, e que martelava a cabeça do filho, receoso da rumorofilia da freguesia, com imperativo refrão:

14 “O melhor era a desforra que eu [Fernando] tirava, quando, nas pachorrentas tardes dos dias grandes, acabada a prisão da escola, meu Pai me mandava vigiar a praga dos melros no cerradinho [...]” (Aguiar, 2003: 16); “E sempre que me via livre da prisão da escola, vinha pôr-me [Fernando] à espreita das pombas nas suas idas e vindas [...]” (Aguiar, 2003: 186); “Era mais ou menos à hora da camioneta que o professor Anacleto nos punha com dono porta fora. [...] Até ao portão da casa da escola, não se ouvia pio, não fosse o mestre, agastado e de génio a ferver, arrepender-se e dar o dito por não dito, como já acontecera, e fazer-nos dar meia volta para de novo continuar a aula naquela endiabrada prisão que nos punha em polas nas mãos e na alma.” (Aguiar, 2003: 239).

“Do que se fala em casa, nem um pio com ninguém; ouviste bem o que estou dizendo, Fernando?” (Aguiar, 2003: 246).

Ao longo deste episódio com enfoque na leitura da Bíblia, em que o Pai o inicia nos mistérios do *Livro Sagrado*, um versículo dos Atos dos Apóstolos, lido duas vezes e relativo à ‘morada’ de Deus, deixa perplexo o ‘iniciado’ protagonista que, à pergunta do Senhor Padre - “Diz-me cá, ó Fernando, o que é que fica na hóstia depois de consagrada?” -, se não coíbe de retorquir:

“No vinho e na hóstia depois de consagrados... (o Cidério soprou-me o resto) não fica nada, senhor padre, fica vinho e pão na mesma.” (Aguiar, 2003: 249).

Em virtude desta resposta errónea em matéria de Fé, o resultado não se faz esperar: a ira do vigário por tamanha heresia, a raiva do Pai pelo juízo não esclarecido, a punição física paterna como recompensa da asserção ímpia e pouco ortodoxa, o pranto da Mãe como reação ao exagero do castigo infligido e o remorso do Pai pela escolha do filho inocente como bode expiatório, quando os culpados, incólumes, a denunciar seriam a Igreja e os seus representantes, o governo ditatorial de Salazar, o Inferno da Ilha e o não embarque para a América (Aguiar, 2003: 249).

Porém, Fernando, bom aluno, passa, como Matesinho, o exame do primeiro grau com distinção (Aguiar, 2003: 225), conhece a frustração amorosa ao ser deixado por Marília (Aguiar, 2003: 280), à imagem de Abílio abandonado por Lucinda devido ao famigerado suficiente¹⁵, aprende o mistério da fecundação com Cidério, da mesma ‘escola’ que Gibicas, e elege a amizade como junção espiritual, de teor irreversível, de dois seres contrários que mutuamente se invadem, dando voz ora a um ora a outro.

“O Cidério, que andava sempre comigo,
[...].”

(Aguiar, 2003: 345).

“Passei a andar mais com o Cidério, por isso havia quem me chamasse Fernando-Cidério.” (Aguiar, 2003: 348).

“Quando entrei para o Liceu, veio o Cidério ao de cima, ficando o Fernando escondido. Inteiro, só me considerava Ti Luciano e dois ou três mais ilustrados na freguesia. E assim fiquei, Cidério num lado, Fernando no outro,
[...].”

(Aguiar, 2003: 349).

[...]

o Cidério recolhia-se no íntimo de Fernando. E foi de facto o Fernando quem entrou em casa com o gémeo dentro de si.” (Aguiar, 2003: 359).

[...]

15 Segundo José Martins Garcia, a frustração amorosa desempenha um papel importante na narrativa nemesiana (1988: 51).

16 “Si el autor habla a través de una o varias voces suscitadas, el lector ‘oye’ a través de otro u otros lectores que interpone entre él y el texto, saliéndose de sí, enajenándose también, para descifrar la obra literaria.” (Reyes, 1984: 40).

a voz de Cidério empurrando-me de novo para o precipício...” (Aguiar, 2003: 360).

Não obstante o seu estatuto de “almas gémeas”, persistem certas diferenças, não de todo imperceptíveis, apontadas não pelo narrador singular e coletivo que é Fernando, mas pelo mesmo Fernando, narrador / autor, que, distanciando-se algo ironicamente da narração, se volve em narrador extradiegético:

“O Fernando mostra-se familiar, mais obediente e muito bensinado

. [...]

O Cidério movimentava-se mais a sul. Endiabrado por natureza e livre por vocação, sempre gostou de partir a louça das conveniências e dos dogmas instituídos.

[...]

Não desdenho do Fernando. Reconheço nele um certo pendor para se enraizar numa inocência da infância vivida na Ilha e que tem medo de perder. [...] conserva um fundo religioso, ao contrário do irmão gémeo que, por vezes, gosta de achincalhar a religião onde mamou o primeiro leite espiritual. Serve de contrapeso às loucuras do Cidério, mas, nem sempre o consegue segurar.” (Aguiar, 2003: 349-350).

No final de *O Fruto e o Sonho* (último volume da trilogia romanesca), a osmose Fernando-Cidério atinge o clímax, ao revelarem-se irrevertíveis as eventuais fronteiras, agora delidas, ou os limites plausíveis, doravante ignotos. De facto, onde começa Fernando e acaba Cidério?

“Gritei, procurei explicar-lhes [aos companheiros] que era o Fernando, o que nunca saíra de ao pé deles; o Cidério é que tinha ido estudar, era ele quem dizia feijões, nós, connosco e outras palavras deslavadas da cidade. Em vão. Continuaram fechados em seus esconderijos. Tirei do bolso a feira e o pião. Joguei-o para a terra batida da Avenida. Zunia, quase se finava. Tomei-o na palma da mão. Encostei-o ao ouvido. Bebi-lhe a música. Sozinho!” (Aguiar, 2003: 366-367).

Nos antípodas desta (con-)fusão identitária surge a multiplicação de identidades patente no título plural da novela “O(s) Adriano(s)” de Onésimo Teotónio Almeida. A este nível, urge alertar para o concerto de vozes diferenciadas, para a representação linguística dos discursos alheios e para a sua subsequente incorporação no fluxo textual. Destacam-se, deste diabolismo, polifonia ou “poliaudición,”¹⁶ mundividências diversas que, por interrelação e confronto ideológicos, se amalgamam no discurso autorial, incentivando o leitor a reconhecer ou a identificar a ‘fala’ individualizada das personagens em cena¹⁷.

Estas últimas, ao caracterizarem o Adriano, mais não fazem do que autocaracterizar-se, mediante pontos de vista que explicitam a sua mentalidade, traduzem os seus usos e costumes, patenteiam o seu nível social e exteriorizam o seu modo de ser e de estar no mundo. Assim sendo, é o narrador que, num repto ao narratário, dá início à descrição do

17 Ver, a este respeito, Naves, M.^ª del Carmen (1998: 55): “Una vez incorporado en en habla del narrador el dialogismo lingüístico, circunstancia que es común con todos los usos de la lengua, el discurso de la novela se manifiesta a través de la voz del narrador como un conjunto de voces reconocibles que proceden de los personajes, y que se incorporan al texto, directa o indirectamente, pero conservan su tono, las señales de su origen y sus señas de identidad.”

protagonista, em termos de energia e de entropia¹⁸, e que o convida a lanchar no “Spats”, que ele já conhecia a par de “*todos os restaurantes da Thayer Street*” (Almeida, 2000: 187).

Vocês conhecem o Adriano? Um par de olhos velozes e penetrantes num corpo irrequieto de onze anos de dinamite, cinco dos quais trazem ainda marca da Terceira no português raro que fala. Vi-o pela primeira vez apanhando um volume imenso de jornais junto à Collee Travel,

[...].

Eu segui aquele pacotinho de energia e determinação.

[...]

num corpinho português ilhéu.” (Almeida, 2000: 183-184).

Ao invés de Fernando que “Não cresceu como era dado.” (Aguiar, 2003: 350), é sobejamente visível o processo de autodidatismo de Adriano, “self-made man” e “businessman” de vocação, passando pela rejeição dos Portugueses em geral e dos Micaelenses em particular:

“Os Portugueses são estúpidos. O meu sangue já é todo americano. Os melhores negócios que eu faço são com portugueses estúpidos... Eu preferia não saber português. Estou mesmo a tentar esquecer-lo. Ainda bem que sou da Terceira e não de S. Miguel. Eu odeio os micaelenses. Na minha escola é quase tudo de S. Miguel. Nunca ouvi falar de S. Miguel antes de vir para a América. Só aqui é que soube que esses coriscos existiam, mais a Ásia e a Califórnia.” (Almeida, 2000: 184-185).

Num “*turbilhão, levada, torrente, cascata, catarata*” (Almeida, 2000: 187), lá vai Adriano desenrolando ao narrador o fio da sua vida, sinónima de denegação não ‘comovida’ das suas raízes e de afirmação perentória do ‘sonho’ americano. Distribui jornais, vende livros, tem duas contas no banco (uma secreta, no montante de quatrocentos e vinte e cinco dólares e oitenta cêntimos, e uma outra com o Pai), gosta de ver na televisão o “Charlie’s Angels”, de ouvir o Elton John, os Beatles e o Elvis e de se assumir como “detetive” no tocante aos segredos dos progenitores, que se não furta a dissecar: assim, a mãe só limpa e, quando acaba a limpeza, recomeça sisificamente a limpar; o pai trabalha na fábrica até às seis da tarde, limpa das 18h às 22h dois bairros no centro da cidade e entretém-se ao fim de semana com o asseio de uma fábrica em Warren; nunca vão aos restaurantes, nem sequer ao McDonald’s (onde o Adriano já comeu “à borla”), tencionando a mãe ir às Ilhas pagar uma promessa (expressão que Adriano não sabe traduzir para inglês) ao Espírito Santo, posto que, segundo a perspetiva algo futebolística do protagonista, “*Parece que o Espírito Santo joga pela Terceira, e o Santo Cristo por S. Miguel*” (Almeida, 2000: 1888).

Bem vistas as coisas, o pai está ao serviço da escravidão - “Trabalho de Portugee” (Almeida, 2000: 186) -, consagrando-se ele ao jogo com o dinheiro - “*I love money*”

(Almeida, 2000: 184) -, mercê de umas “big business” que lhe permitirão, no futuro, adquirir uma “*Casa de verão no Cape Cod e casa de inverno em Vermont.*” (Almeida, 2000: 186). O terceiro ponto de vista definitivo do protagonista está a cargo do Pai - “*Ah! O senhor conhece o meu filho, o Adriano? Aquele diabrete, que Deus me perdoe?*” (Almeida, 2000: 188) -, que deplora os seus negócios demoníacos - “*Faz bísinas com o diabo, [...]*” -, as suas diabólicas companhias universitárias (atente-se na perífrase da Universidade) - “*Sai com estudantes daquela escola muito alta aqui em cima e vai com eles para o diabo.*” - e a sua indiferença em relação aos valores lusitanos - “*Não quer saber [...] das nossas coisas, que é o que a gente tem e é nosso...*” -, confessando que “Em má hora vim eu para esta terra.” (Almeida, 2000: 189).

O quarto agente caracterizador - “*Oh! You Know Adriano too, hein?*” (Almeida, 2000: 189) - é Steve, estudante do quarto ano de Medicina, que lhe vaticina uma carreira de triunfo:

“Está na fase da rejeição da sua cultura, mas pode sair daí um grande homem

[...]

um grande empreendedor,

[...]

É um fenómeno. É brilhante, o rapaz.

[...].

Um grande Adriano vai ser ele, que já é um little big man.” (Almeida, 2000: 191).

Uma quinta focalização, desta última divergente, é a do senhor padre - “*Conhece o Adriano? Um rapazinho da Terceira aqui da minha paróquia que anda muito aí pela universidade e que vende jornais na escola?*” -, que, com base na hodologia, ritmada pela quádrupla ocorrência da forma verbal assertiva “Dizem que”, informa que o Adriano, atascado no vício - “*Tem a alma vendida ao diabo, já tão novo.*” (Almeida, 2000: 191-192) -, fuma marijuana, brinda as transeuntes com ditos indecorosos e incrementa a não comparência dos rapazes na catequese de sábadoSábado.

O sexto juízo de valor é emitido pelo diretor do departamento de distribuição da “Providence Journal” - “Do you know Adriano? He is Portuguese! What a kid!” -, que tece encómios a esse “hard-worker” que é Adriano, prognosticando a sua liderança de uma multinacional num tempo a vir:

“Trabalha no duro como um bom português, mas tem a garra, o espírito de agressividade que faltam aos portugueses.

[...].

Ganha sempre todos os prémios para o melhor vendedor de jornais.

[...]

Se Portugal tivesse uns quantos daqueles, não era preciso emigrar tanta gente para aqui.” (Almeida, 2000: 192-193).

18 Do ponto de vista de Francisco Cota Fagundes, Autor de *Desta e da Outra margem do Atlântico. Estudos de Literatura açoriana e da diáspora* e do “Posfácio” de *(Sapa)teia Americana*, as imagens caracterizadoras de Adriano - “de dinamite” e “um pequenino vulcão” - são “altamente suscetíveis de serem lidas entropicamente [...] seria mais um glóbulo de energia em explosão, entropicamente a caminho do nada. Seria, no entanto, igualmente lícito encarar essas imagens como positivas [...] simbólicas do potencial inerente à personagem

deste e/imigrante a caminho da adaptação (idealmente uma adaptação bem sucedida.) (2000: 214). Por sua vez, para João de Melo, Autor do “Prefácio” da obra supracitada intitulado “L(USA)LANDESES, PORTUGUESES E ÀS VEZES... AMERICANOS”, “Adriano encarna uma espécie de símbolo ou de metáfora do futuro, definindo-se a si mesmo como homem novo e sendo também definido pelos outros como homem diferente.” (2000: 11).

A enunciadora da sétima opinião, disfórica - “- *Conhece aquilo? O Adriano? O demônio em pessoa - [...] -*, é a senhora Olinda Ferreira, que o considera um exemplo vergonhoso da sua ‘raça’: “*Diz que os portugueses são gringos e dême, mas ele parece que não repara que também é português. [...] Feito lá todinho, à conta de Deus.*” (Almeida, 2000: 193-194).

O oitavo parecer, desta feita positivo, é o da professora - “Oh! Do you know Adriano? I guess everybody knows him.” -, que elogia a sua esperteza e inteligência, verbera a sua pouca aplicação nos estudos - “*Não gosta de guardar trabalhos para casa. Fâ-los nos recreios.*” -, admira a sua doçura e energia - “[...] talvez aquela doçura portuguesa que as ilhas deixam nas pessoas. É um pequenino vulcão saído daquela paz, [...]” - e deleita-se com as suas saídas humorísticas: “*Há dias pôs-se a gozar uma mocita que não sabia português. Ele chamava-lhe my girl e depois voltava-se para os amigos que sabem português e troçava: My dear girl, minha querida gal...inha.*” (Almeida, 2000: 195).

O fim em aberto - “*Ah! Conhece o Adriano?... Sabe? Ele é...*” (Almeida, 2000: 196) -, espraído nas reticências que omitem as palavras e suspendem voluntariamente o sentido, mais não constitui do que um convite ao leitor, incentivando-o a participar, como juiz derradeiro, na caracterização do protagonista, quer optando por uma das múltiplas facetas temperamentais exaradas, quer prossequindo na indefinição ou contradição caraterológicas, quer decidindo manter semanticamente indeterminado o sinal gráfico do *explicit*.

Retomando a parte teórica inicial, a título de conclusão, e adaptando à novela os conceitos definidos no que respeita ao romance, é de realçar que os quatro textos incipientemente analisados comungam de similar estrutura de aprendizagem, à qual subjazem as tradicionais figuras-tipo que são o mestre e o discípulo.

Por uma inversão assaz significativa e sintomaticamente indiciada pelos títulos, falham os mestres no cumprimento da sua função e missão - veja-se o fero dogmatismo do Professor de Abílio, a par do pragmatismo servil do Professor Honório e da retidão falaz do vigário de *Raiz Comovida* -, sendo esta assumida pelo próprio protagonista e pelo seu inseparável companheiro, ambos aprendendo um com o outro a enfrentar os não parcos obstáculos de uma vida recém-descoberta.

Mercê de uma segunda reviravolta que a primeira engloba, não se torna o mestre, no par acima referido, o aluno exemplar, vergado aos dogmas, mas, antes, o parceiro que criticamente os questiona e os sobreleva.

Com efeito, que interessa a Matesinho passar com distinção quando é Abílio que se destaca pelo culto da partilha - “*Enfim, pegou na navalhinha velha [...] e insistiu que eu a aceitasse. [...] Pega... É a última coisa que te dá o ‘cabeça de boga’...*” (Nemésio, 2002: 259) -, pelo regozijo sincero com o sucesso do outro - “- *Ó Mateus, ainda bem! E foi nos olhos dele que eu me senti distinto.*” (Nemésio, 2002: 257) - e pela resignação a um *fatum* hierárquica e injustamente traçado? Que vantagem traz ao narrador de “Gibicas” o facto de ser consentâneo com o sistema axiológico vigente quando é o próprio Gibicas que ‘assume a dianteira’ ao quebrar os enganadores convencionalismos propalados pelas instituições em vigor?

Tal rutura dá a sensação de se fixar, de modo definitivo, em Cidério, duplo de Fernando que, inteligentemente, se não furta a autopsiar a autoridade civil, institucional e eclesiástica e tem, para além do mais, pretensões a bispo: “

Um dia, na escola, o senhor professor mandou fazer aos da quarta classe uma redação subordinada ao tema, ‘O que gostavas de ser quando fores grande’... O Cidério pôs-se a matutar, lápis na boca e olhos pregados no teto. Após uns momentos de reflexão, pegou do lápis, molhou a ponta com saliva, baixou os olhos para a ardósia e entregou-se, língua de fora, ao labor da escrita.

[...]

‘Quando eu for grande, gostava de ser bispo. Diz meu Pai que é uma rica vida, come-se do bom e do melhor e pouco ou nada se faz, a não ser abençoar, excomungar e celebrar missa com muitos padres a ajudar e às vênias. O pior é falar latim, que é uma língua que morreu no tempo em que Jesus Cristo andava pelo mundo a pregar, e é muito rude de se aprender de cor.’ (Aguiar, 2003: 290).

Defluindo deste aprendizado que se consolida na adolescência, o fim das três novelas e do romance *Raiz Comovida* fica em aberto, já que, como afirma Miguel de Unamuno, “*Lo acabado, lo perfecto, es la muerte, y la vida no puede morirse. El lector que busque novelas acabadas no merece ser mi lector; él está ya acabado antes de haberme leído.*” (2009: 126).

Nesta sequência, e convocando o rigor científico possível que a tenuidade de fronteiras teóricas entre os vários subgéneros narrativos afins permite ou faculta, a nemesiana “Cabeça de Boga” afigura-se uma novela de educação (e não pedagógica, de que é paradigma *L’Émile* de Rousseau), tendo como *acme* a discrepância introduzida pelo suficiente de Abílio e conducente tanto ao término do seu breve percurso escolar e da sua primeira e frustrante experiência amorosa como ao precoce início da sua vida adulta, estigmatizada pelo embarque para o Brasil.

Por sua vez, “Gibicas” e “O(s) Adriano(s)” surgem como novelas de autoformação, não só porque os heróis se definem mediante o eixo conflituoso eu / mundo, mas também porque o final abrupto e irónico vinca a desarmonia entre a necessidade de desenvolvimento integral por parte de um indivíduo algo desenraizado e as solicitações utilitárias de uma sociedade regida pelas conveniências de bom-tom.

Cumprido, a este respeito, referir que, enquanto Gibicas sai vitorioso, graças à sua irreverência advinda de incontida revolta, de um universo social ancilosado no qual, paradoxalmente, mais não é do que um vencido, Adriano, eivado de seiva, detentor de uma curiosidade insaciável que o leva a saber como é para contar como foi, a não desperdiçar uma única oportunidade de assimilar o que desconhece e a tudo perguntar para, numa etapa ulterior, conseguir responder, impõe-se pela integração e aculturação num espaço que, à partida estranho e estrangeiro, se vê logo interiorizado em termos de lugar onde se ‘joga’ à vida.

Do mesmo modo, e ao invés de Gibicas cujo trajeto desconhece um projeto, a trajetória de Adriano, de cunho picaresco, é cuidadosamente planeada, como se os seus

múltiplos trabalhos de Hércules em miniatura outra meta não tivessem do que a sua exímia consecução e concreção.

No tocante à trilogia romanesca *Raiz Comovida*, ela pode e deve ser rotulada de “Bildungsroman” ou romance de formação, confinando com a autobiografia¹⁹ - não se identificarão, no entanto, todas as criaturas com o seu criador? -, ambos os géneros patentes quer na tripla titulação desencarnada traduzindo uma curva ascendente - “A semente e seiva” / “Vindima de Fogo” / “O Fruto e o Sonho” -, quer nos indícios paratextuais revelados à saciedade pela dedicatória do último volume.

Se, na focalização de Maria de los Ángeles Rodríguez Fontela (1996: 52-53-54), o “Bildungsroman” visa essencialmente a figura do leitor, obrigado a fazer uma leitura reflexiva e a atingir ou a descobrir as suas expetativas culturais e literárias, mais não sendo este processo autoformador do que a metáfora narrativa da autoconstrução do romance e de toda a Humanidade, que descortina a sua identidade na narração que conta a si mesma sobre si própria, não restam dúvidas de que a trilogia romanesca de Cristóvão de Aguiar satisfaz cabalmente estes requisitos.

Através desta estrutura básica de aprendizagem detetável em quatro obras de quatro escritores açorianos, e não apelando nem para uma leitura macrotextual nem para uma abordagem cíclico-sequencial ou intratextual, mas tão-só para a intertextualidade, verifica-se que o complexo conceito de açorianidade não deixa de pisar a ribalta: visto ‘de dentro’ em Vitorino Nemésio e em Vasco Pereira da Costa, ele é encarado ‘de dentro’ e ‘de fora’ na obra de Cristóvão de Aguiar e tratado ‘de fora’ por Onésimo Teotónio Almeida. Cabe ao leitor refletir sobre esta oscilação entre o cá e o lá, ou, passe o açorianismo, sobre o “laricá”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Aguiar, Cristóvão de. (2003) *Raiz Comovida. Trilogia Romanesca* (I. “A semente e a seiva” – Coimbra, 20 de fevereiro de 1978; II. “Vindima de Fogo” – Coimbra, 29 de março de 1979; III. “O Fruto e o Sonho” – Coimbra, 25 de fevereiro de 1981), Lisboa: Dom Quixote.
- Almeida, Onésimo Teotónio. (2000) *(Sapa)teia Americana. Contos*. “Prefácio” de João de Melo e “Posfácio” de Francisco Cota Fagundes, Lisboa: Edições Salamandra, col. “Garajau”.
- Bakhtine, Mikhaïl. (1984) [1979] *Esthétique de la création verbale*. Traduit du russe par Alfreda Aucouturier. Préface de Tzvetan Todorov, Paris: Gallimard, nrf.
- Bettencourt, Urbano. (2002) ‘Introdução’ a *Paço do Milhafre. O Mistério do Paço do Milhafre*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 9-27.
- Cabibbo, Paola e Goldoni, Annalisa (1983) “Per una tipologia del romanzo d’iniziazione” in *Sigfrido nel nuovo mondo. Studi sulla narrativa d’iniziazione*, Roma: Editrice Universitaria di Roma - la goliardica -, col. “Lett(erat)ura”, 13-51.
- Costa, Vasco Pereira da. (1978). *Nas escadas do Império. Contos*, Coimbra: Ficção – Centelha.
- Díez, Luis Mateo. (1999) *El porvenir de la ficción*, Junta de Castilla y León: Consejería de Educación y Cultura.
- Fagundes, Francisco Cota. (2000) ‘Posfácio - Sapateia Onesimiana: Subsídios para leituras de (Sapa)teia Americana’. In Almeida, Onésimo Teotónio. (2000) *(Sapa)teia Americana. Contos*, Lisboa: Edições Salamandra, col. “Garajau”, 197-214.

19 Na ótica de Goyanes, “Muy frecuentemente la estructura narrativa del ‘Bildungsroman’ se caracteriza no sólo por la ya citada articulación episódica [...] sino también por el uso de la forma autobiográfica, de la primera persona narrativa. [...] Tercera persona: la que corresponde a las reflexiones satírico-morales del propio

Fontela, Maria de los Ángeles Rodríguez. (1996) *La novela de autoformación. Una aproximación teórica e histórica al ‘Bildungsroman’ desde la narrativa española*, Universidad de Oviedo: Reichenberger, col. “Problemata Literaria”, 25.

Garcia, José Martins (1988) “Nem toda a noite a vida” in Arquipélago. Línguas e Literaturas. Número Especial. Comemoração do 10º Aniversário da Morte de Vitorino Nemésio, Ponta Delgada: Univ. dos Açores, vol. X, 49-62.

Gouveia, Margarida Maria. (2001) *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles. A Ilha ancestral*, Porto: Casa dos Açores do Norte, Fundação Eng. António de Almeida.

Goyanes, Mariano Baquero. (2001) [1989] *Estructuras de la novela actual*, Madrid; Editorial Castalia.

Grandroute, Robert. (1985) *Le roman pédagogique de Fénelon à Rousseau*, Genève-Paris: Éditions Slatkine.

Jost, François (1969) “La Tradition du Bildungsroman” in *Comparative Literature* Vol. 21, Nº2, 97-115.

Locatelli, Aude. (1998) *La lyre, la plume et le temps. Figures de musiciens dans le >Bildungsroman<*, Tübingen: Max Niemeyer Verlag Communicatio.

Lukács, Georg. (1968) [1920] *La Théorie du roman*. Traduit de l’allemand par Jean Clairevoye et suivi de *Introduction aux premiers écrits de Georg Lukács* par Lucien Goldmann, Paris: Denoël.

Melo, João de. (2000) ‘L(USA)LANDESES, PORTUGUESES E ÀS VEZES... AMERICANOS’. In Almeida, Onésimo Teotónio. (2000) *(Sapa)teia Americana. Contos*, Lisboa: Edições Salamandra, col. “Garajau”, 5-12.

Miroux, Jean-Philippe. (1996) *L’autobiographie. Écriture de soi et sincérité*, Paris: Nathan Université, col. “128”.

Nemésio, Vitorino. (2002) *Paço do Milhafre. O Mistério do Paço do Milhafre*. Introdução e fixação do texto de Urbano Bettencourt, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, col. “Biblioteca de Autores Portugueses”, vol. VII.

Naves, M.ª del Carmen Bobes. (1998) *La Novela*, Madrid: Editorial Síntesis, S.A., col. “Teoría de la Literatura y Literatura Comparada”.

Pinto, Cristina Ferreira. (1990) *O Bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros*, São Paulo: Editora Perspetiva, 25 anos, col. “Debates”.

Reyes, Graciela. (1984) *Polifonía textual. La citación en el relato literario*, Madrid: Editorial Gredos, col. “Biblioteca Románica Hispánica”.

Ribeiro, Ana. (1998) *A Escola do paraíso de José Rodrigues Miguéis. Um Romance de Aprendizagem*, Braga: Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos, col. “Hespérides”, Literatura 2.

Sá, Maria das Graças Moreira (1988) “Vitorino Nemésio: poeta da sua ilha, poeta do seu mar” in Arquipélago. Línguas e Literaturas. Número Especial. Comemoração do 10º Aniversário da Morte de Vitorino Nemésio, Ponta Delgada: Universidade dos Açores, vol. X, 181-193.

Silva, Heraldó Gregório da. (1985) *Açorianidade na prosa de Vitorino Nemésio. Realidade, Poesia e Mito*, Lisboa / Região Autónoma dos Açores: coedição Imprensa Nacional – Casa da Moeda e Secretaria Regional da Educação e Cultura, col. “temas portugueses”.

Suleiman, Susan (1979) “La structure d’apprentissage. Bildungsroman et roman à thèse” in Poétique. Revue de théorie et d’analyse littéraire, Paris: Seuil, Nº 37, 24-42.

Unamuno, Miguel de. (2009) [1996] *San Manuel Bueno, mártir / Cómo se hace una novela*, Madrid: Alianza Editorial.

escritor, no encarnado em ningún personaje, precisamente para mejor poder realizar (desde la perspectiva adecuada) esa tarea crítica e desengañadora.” (2001: 36).



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 13 - junho 2017
ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

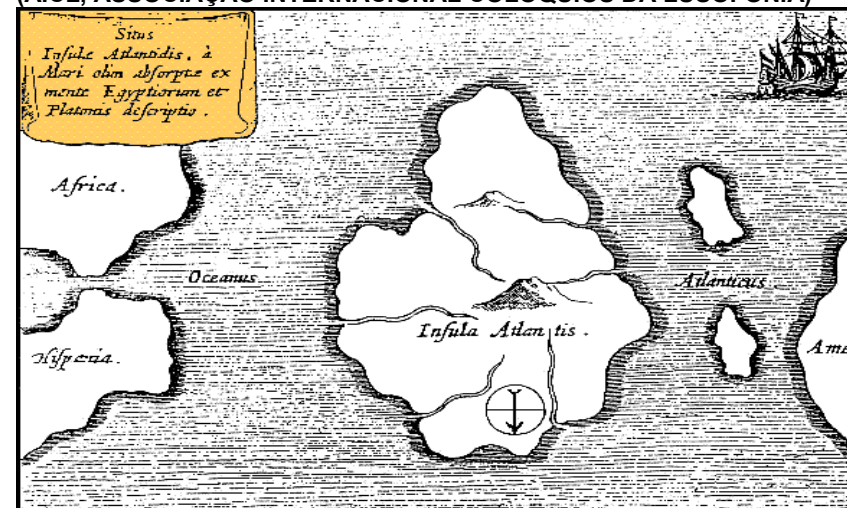
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



© TM ®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**

(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Hoje este Suplemento # 13 é dedicado a ONÉSIMO TEOTÓNIO ALMEIDA